

Crise econômica: oportunidade para rever valores

P. 2



Cartas de Bezerra de Menezes

P. 6

O Espiritismo no País, há 100 anos

P. 7

Suicídio: agir para prevenir

P. 8

Homenagem aos professores

P. 13

Novo estudo sobre o coma

P. 4

Afinal, o que é felicidade?

P. 16

ATUALIDADE

Giovana Campos

Crise econômica reduz número de doações às casas filantrópicas e prejudica atendimento a necessitados

A crise econômica que toma conta do País atingiu também as entidades de auxílio às comunidades carentes. Com o aumento do desemprego ou renegociação de salários que muitos brasileiros passaram a ter de aceitar para continuar no emprego, o corte de supérfluos passou a fazer parte da realidade de muitas famílias. E a doação também entrou no chamado gasto desnecessário em muitos lares. Isso atingiu fortemente as instituições beneficentes, que precisam dessa entrada de dinheiro para ter seus projetos em andamento.

Demissão de funcionários, corte de gastos, otimização de processos internos e, em alguns casos, fechamento de unidades fazem parte da nova rotina dessas casas de caridade. A Casas André Luiz, localizada em Guarulhos (SP), por exemplo, enxugou gastos, otimizou processos internos e até encerrou as atividades de seu mais novo ambulatório, porém ainda luta diariamente para se manter. A crise impactou nas contas da entidade e, conseqüentemente, nos serviços oferecidos aos cerca de 2 mil pacientes – dos quais 72% possuem deficiência grave ou profunda e 42% são acamados e/ou cadeirantes. A diretora tesoureira Margareth Pummer Carvalho conta-nos um pouco mais da situação atual enfrentada.

Folha Espírita – Como a instituição tem conseguido meios financeiros ou produtos nos últimos meses?

Margareth Pummer Carvalho – Criando novas possibilidades, novos projetos e formas de mobilização de recursos. Com o



atual cenário do País, causado pela crise econômica, a necessidade de parcerias e alternativas de captação de recursos é ainda maior. Pensando nisso, novas formas de vendas e contato com o público de interesse foram colocadas em prática, como os canais de vendas on-line. Um deles é o comércio eletrônico por meio de plataformas de terceiros, já que a instituição hoje não tem estrutura operacional para iniciar um e-commerce próprio. Por esse canal, o Mercatudo

passou a vender produtos diversos de valor agregado, como móveis, artigos de decoração, informática e outros. É uma iniciativa importante para captar clientes e divulgar o trabalho do Mercatudo – uma vez que a efetivação da compra e a entrega da mercadoria são realizadas no próprio bazar –, e que representa, em média, 5% do aumento das vendas. Outra modalidade de venda on-line foi o leilão virtual. Em parceria com a Casa Curia & Feldman, o Mercatudo tem ofertado produtos como joias, arte, brinquedos e objetos antigos, peças exóticas e muitos outros, voltados a colecionadores e ao público de antiquários.

FE – Houve uma queda na arrecadação de produtos ou bens?

Margareth – Muitos contribuintes, que atualmente perderam seus empregos, acabaram por diminuir as doações em dinheiro ou até mesmo cancelaram os boletos. Outra dificuldade foi notada em nossos bazares, os Mercatudos, que têm sido afetados duplamente, tanto no recebimento das doações, de itens como

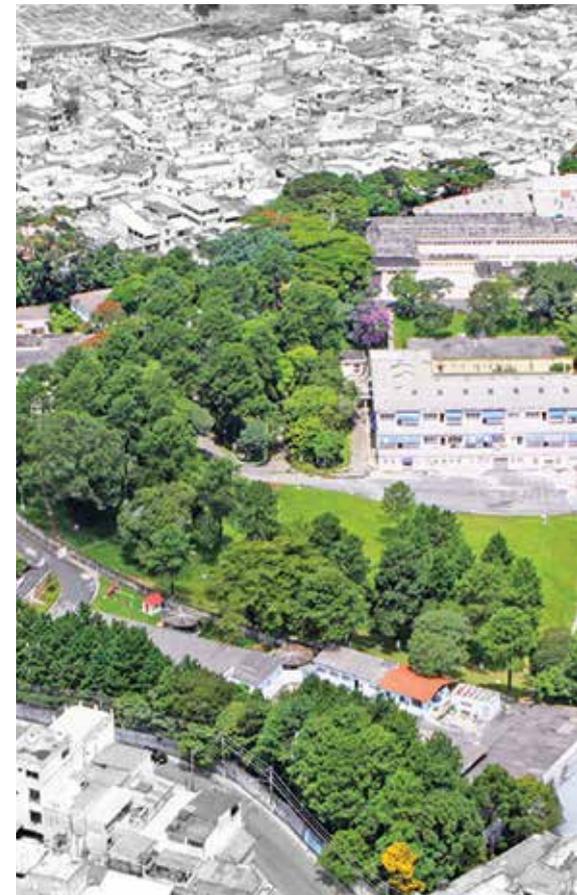
móveis, eletroeletrônicos, informática, roupas e outros, e caído expressivamente em qualidade e quantidade, quanto na venda em seus bazares.

FE – Qual seria o valor ideal para a manutenção dos serviços e quais são eles (creche, assistência médica/ambulatorial, distribuição de cestas básicas de alimentos/higiene)?

Margareth – Durante um mês, temos um gasto médio de R\$ 9 milhões, responsável por manter as estruturas da ULP (Unidade de Longa Permanência), dos Ambulatórios de Deficiências, e toda estrutura do Mercatudo. Ao todo, são mais de 2 mil empregos em regime de CLT e mais de 6 mil pessoas que têm a Casas André Luiz como provedora do sustento mensal.

FE – Alguma medida extrema foi necessária para que a instituição conseguisse manter o serviço já prestado?

Margareth – Sentimos no bolso o peso de serviços básicos, como eletricidade e água. Muitos serviços que contratávamos de terceiros tiveram de ser renegociados, e alguns até mesmo cancelados, quando se tratava de algo de primeira necessidade ou que poderia ser conseguido através de doações. Estamos lutando diariamente para superar as dificuldades financeiras, buscando diversas alternativas para driblar esse momento, já que tivemos uma brusca queda nas doações, impactando diretamente na manutenção dos nossos trabalhos. Em meados de 2014, foi inaugurada uma nova unidade ambulatorial no bairro de Santana, na capital paulista, com capacidade para atender 2 mil novos pacientes. No final de 2016, suas atividades foram suspensas pela falta de recursos financeiros.



Casas André Luiz – Unidade de Longa Permanência

FE – Qual a visão da instituição para os próximos meses?

Margareth – Estamos esperançosos que as alterações políticas devam influenciar positivamente nas decisões econômicas, criando maior confiança das pessoas na recuperação do País. Incansavelmente, aqui na Casas André Luiz, também estamos fortalecendo nossas parcerias, aproximando os doadores e falando das nossas dificuldades, além de implantar um plano completo de redução de custos fixos da instituição, com total cautela para impactar o menos possível nossos pacientes. Esse é um dos momentos mais críticos dos nossos 68 anos de história. Em vista de toda essa situação, a Casas André Luiz pede ajuda.

FE – Como a população pode ajudar?

Margareth – Nos tempos de crise, a criatividade e o esforço coletivo são essenciais para manter nosso trabalho em benefício do deficiente. A solidariedade sempre foi o grande alicerce da instituição, agora precisamos da sociedade para não comprometer esse trabalho social e o ideal de fazer o bem.



Panorama se repete em outras regiões do Brasil

As dificuldades relatadas na entrevista acima também fazem parte da realidade do Lar São Domingos, instituição que promove ações de apoio sociofamiliar, amparando crianças e adolescentes de áreas de vulnerabilidade social de Maceió (AL), tanto nos aspectos material, moral e social, como também espiritualmente. Ao longo de seus 97 anos de funcionamento, o Lar atende atualmente 500 crianças e 240 famílias e, ao somar os projetos de capacitação e acolhimento a idosos, gestantes e familiares, cerca de 1,7 mil pessoas são beneficiadas pelo trabalho desenvolvido.

Este número já foi maior em anos anteriores, porém o corte de verbas e programas de apoio material ou financeiro de esferas municipal, estadual e federal fez com que o número de assistidos fosse reduzido. “Enxugamos o máximo que pudemos, tivemos de demitir alguns funcionários registrados e reestruturar áreas

e departamentos para que continuássemos a ajudar as famílias em condições de vulnerabilidade. Até projetos de fornecimento de alimentação foram cortados”, relata Ricardo José dos Santos, atual presidente da instituição.

Com o não recebimento de verbas sociais provenientes do governo, o Lar luta todos os meses com os índices economicamente negativos, porém procura saídas para se organizar financeiramente e continuar o trabalho filantrópico, que já ganhou prêmios no âmbito da educação e inclusão social. “Temos ótima infraestrutura em nosso espaço, contando com auditórios e salas que podem ser alugadas, gerando renda para continuar nossos serviços assistenciais. Também estamos tendo muito êxito em um novo bazar onde recebemos as doações e revendemos os itens para reverter em ações que favorecem o atendimento às famílias

que tanto necessitam e contam com nosso trabalho”, informa Santos.

Aumento na demanda

Magali Abujade, presidente do Centro Espírita Cairbar Schutel, responsável pelo Lar do Alvorecer Marlene Nobre, em Diadema (SP), conta que a crise não trouxe queda na arrecadação de recursos financeiros do grupo, mas os valores não cobrem mais as despesas, que sofreram um considerável aumento em razão das contas de água, luz e demais tributos. Em compensação, houve aumento da demanda de carentes, buscando os mais variados tipos de assistência. “Os recursos se tornaram mais insuficientes do que já eram para atender às necessidades muitas vezes básicas dessa clientela tão desprovida”, esclarece. Segundo Magali, para aumentar a arrecadação, a entidade promoveu neste ano mais almoços beneficentes e reativou carnês para contribuição voluntária mensal.

Hora de revermos os nossos propósitos

Conrado Santos

Não temos dúvida de que a crise, neste momento de transição do planeta, nos convida a rever nossas necessidades, avaliar o que realmente deve ser encarado como básico e aprender a nos desvencilharmos do supérfluo. Entretanto, nessa transformação, não devemos nos esquecer de que os valores morais e a preocupação com o semelhante fazem parte dos propósitos que devem nortear o alvorecer do mundo de regeneração, onde as diferenças entre as classes sociais, certamente, não encontram subsídios para continuar a existir, e a prática da caridade e o desejo sincero de ampararmos e acolhermos o semelhante

haverão de ser hábitos naturais em nosso comportamento.

Devemos avaliar, assim, diante da crise, a oportunidade que a vida nos oferece de compartilhar o que temos, mesmo que seja menos do que antes, mas que continue sendo o ato em que o coração impere em nossas decisões e não negue socorro aos irmãos do caminho.

Recordemos a instrução dos espíritos contida no cap. XV, item 10, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: “Meus filhos, na máxima *Fora da caridade não há salvação* estão contidos os destinos dos homens sobre a Terra e no Céu. Sobre a Terra, porque, à sombra desse estandarte, eles viverão em paz; e no Céu, porque aqueles que a tiverem praticado encontrarão graça diante do Senhor.”

Em tempos de crise, que possamos nos recordar da passagem do “óbolo da viúva”, cap. XIII, item 5, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em que o Mestre reforça aos discípulos: “E estando Jesus assentado defronte ao gazofilácio, observava de que modo deitava o povo ali o dinheiro; e muitos, que eram ricos, deitavam com mão larga. E tendo chegado uma pobre viúva, lançou duas pequenas moedas. E convocando seus discípulos, lhes disse: Na verdade vos digo que mais colocou esta pobre viúva do que todos os outros. Porque todos os outros deram do que tinham na sua abundância, porém esta deu de sua indigência tudo o que tinha, e tudo o que lhe restava para seu sustento. (Marcos, XII: 41 a 44; Lucas, XXI: 1 a 4.)”

“Devemos avaliar a oportunidade que a vida nos oferece de compartilhar o que temos, mesmo que seja menos do que antes”

Como ajudar?

Casas André Luiz

Telefone (11) 2457-4312 ou site www.casasandreluiz.org.br.

Doação de Materiais: (11) 2459-7000 ou www.mercatudo.org.br

Banco Bradesco

Agência: 3397-9

Conta: 17020-8

CNPJ: 62.220.637/0001-40



Lar São Domingos / Fraternidade Joanna de Ângelis

Contatos: lar@larsaodomingos.com.br ou (82) 2121-1300

Banco do Brasil

Agência: 1523-7

Conta: 126000-6

CNPJ: 12.183.760/0001-60



Lar do Alvorecer Marlene Nobre

Contatos: lardoalvorecer@uol.com.br ou (11) 4071-6964 / 2758-6651 / 2311-7715 / 5585-1977

Banco Bradesco

Agência: 0287-9

Conta: 61322-3

CNPJ: 59.140.814/0001-74



EDITORIAL

O ensino religioso nas escolas

Em 27 de setembro, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que professores de ensino religioso em escolas públicas promovam suas crenças em sala de aula. Em suma, a maioria dos ministros foi favorável à possibilidade do modelo “confessional”. Assim, os professores lecionam como representantes de uma religião, com liberdade para influenciar os alunos.

Com isso, podemos imaginar que as salas de aula passarão a ser alvo de diversas religiões. Vale lembrar que nossa Constituição determina o ensino religioso nas escolas públicas como disciplina do Ensino Fundamental, porém, também estabelece que sua matrícula seja facultativa. Dessa forma, por vontade própria ou da família, o aluno pode se recusar a cursar a disciplina.

A responsabilidade por organizar o ensino religioso fica a cargo dos Estados. Alguns fazem até parcerias comerciais com igrejas e instituições religiosas para dar aulas. Há, entretanto, alguns que optam pelo modelo chamado “não confessional”, em que os professores não são necessariamente representantes de uma religião. A ação apresentada pela Procuradoria Geral da República, que foi julgada, propunha exatamente que as aulas fossem focadas em exposição das doutrinas, história, práticas e dimensões sociais das diferentes crenças, assim como do ateísmo e do

agnosticismo – modelo não confessional. Ou seja, proporcionando com isso uma atuação mais ecumênica, sem promover influências diretas nos alunos.

No entanto, após o julgamento, com a decisão da Corte, continua permitido o ensino confessional, o não confessional e também o chamado interconfessional, com aulas sobre valores e práticas religiosas baseados em características comuns das religiões.

Para alguns ministros, caso o Estado adotasse o modelo não confessional, poderia levar o Estado a definir o conteúdo da disciplina, criando assim uma “religião estatal”. E reforçaram que o modelo não confessional poderia ser uma forma de o Estado “tutelar” a religião. Para os ministros que foram contra, o Estado não tem nem pode ter interesses confessionais, e deve ser indiferente ao conteúdo das ideias religiosas que eventualmente venham a circular e a ser pregadas por qualquer grupo confessional.

Por fim, entendemos que a decisão abre espaço para uma nova adoção do modelo religioso, e o mais importante é que consigamos de alguma forma avançar na formação de nossas crianças, levando a elas valores indispensáveis para a preparação de adultos de bem, que tragam em seu íntimo aprendizados sobre a importância do respeito ao próximo em todas as suas expressões.

TRATAMENTO DO COMA



“Estudo traz nova precisa é o amor

O coma é um estado clínico caracterizado por completa inconsciência, tanto em relação a si próprio, quanto ao ambiente externo. A consciência humana pode ser dividida em dois componentes distintos: nível e conteúdo. Nível de consciência é o grau de alerta da pessoa. É quanto a pessoa está “acordada” para o que acontece à sua volta. Conteúdo da consciência é a soma dos “conhecimentos” que a pessoa tem sobre a situação em que está inserida no momento.

Um paciente em coma pode recuperar a consciência, evoluir para o óbito ou manter-se inconsciente. Se o paciente per-

manece em coma após 30 dias, ele é considerado em Estado Vegetativo (EV). Nessa situação, ele recupera o ciclo sono-vigília (dorme e abre os olhos espontaneamente), respira sem aparelhos, embora permaneça inconsciente, do ponto de vista da Medicina.

Após mais de um ano (nos casos de traumas) ou seis meses (por outras causas, como AVCs, tumores, doenças degenerativas, etc.) em EV, esses pacientes são considerados em Estado Vegetativo Persistente (EVP). São raros os casos em que o paciente recupera a consciência após atingir esse estado.

Em 25 de setembro de 2017, a revista *Current Biology*, em seu setor de correspondência¹, divulgou o trabalho de pesquisadores franceses do Instituto de Ciências Cognitivas Marc Jeannerod de Lyon, França, liderados por Angela Sirigu, que usaram a técnica de estimulação do nervo vago, em um único paciente em EVP. Sirigu e seus colegas escolheram um homem de 35 anos de idade para ser o primeiro a estimular o nervo vago, pelo fato de sua condição não ter apresentado melhora há 15 anos – ele estava em coma durante todo esse período, em consequência de traumatismo cranioencefálico.

O processo incluiu a utilização do implante de um estimulador no tórax do paciente para enviar impulsos elétricos ao nervo vago, que conecta o cérebro a outros órgãos. Segundo o estudo, o homem mostrou melhoras significa-

A Doutrina Espírita revela que nada que nos acontece é por acaso. Tudo é explicado pela lei de causa e efeito. O coma, por exemplo, é uma situação que envolve uma provação para o espírito, bem como para as pessoas mais íntimas dele, pois terão de enfrentar toda a situação que envolve os cuidados do paciente, o que não é tarefa fácil

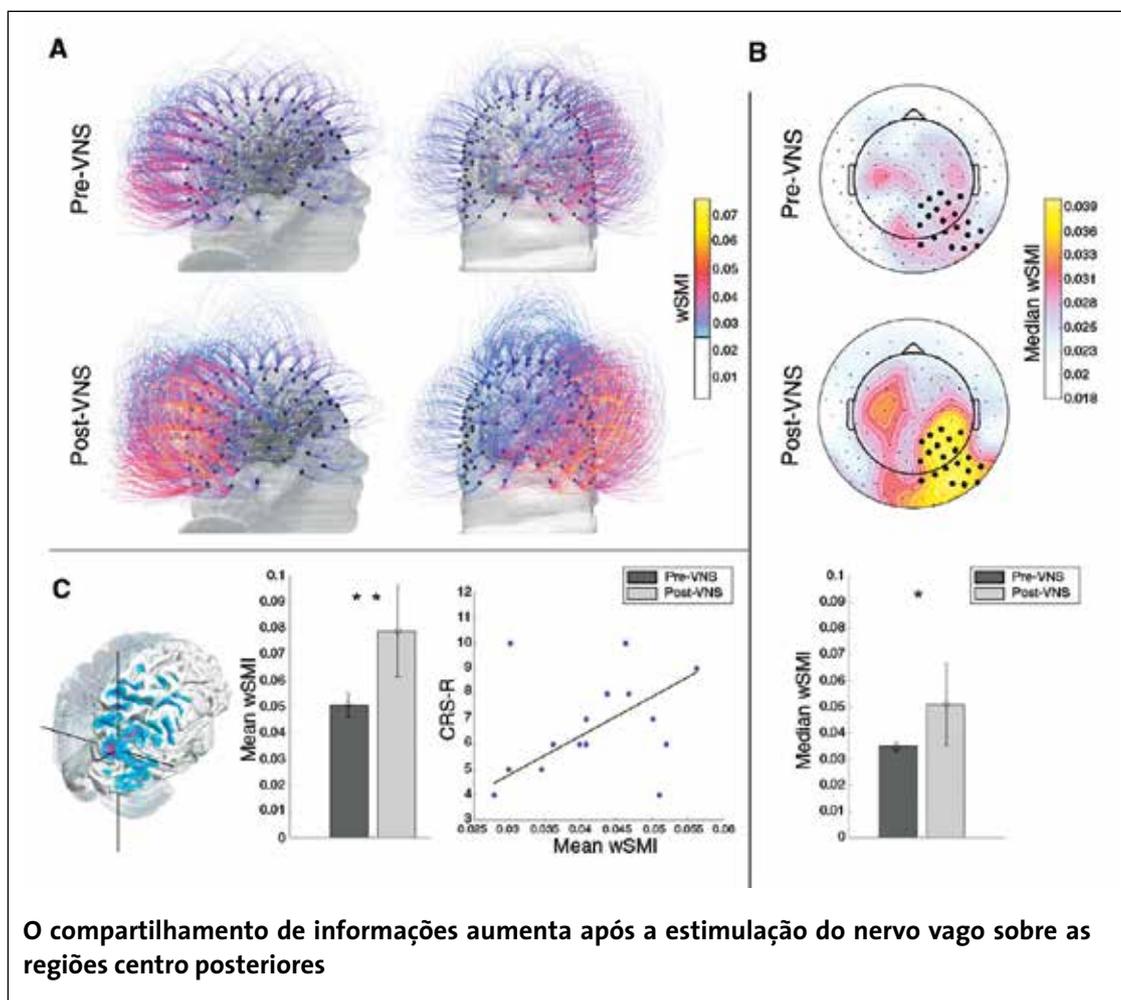
Folha Espírita

FUNDADORES: Freitas Nobre, Marlene Nobre e Paulo Rossi Severino (1974)
DIRETOR RESPONSÁVEL: Fábio Gandolfo Severino | JORNALISTA RESPONSÁVEL: Cláudia Santos MTb - 21.177 |
CRIAÇÃO - PROJETO GRÁFICO E SITE: MaçãV Comunicação www.macav.com.br | DIAGRAMAÇÃO: Sidney João de Oliveira
| SITE - PROGRAMAÇÃO: www.aboutdesign.com.br | REVISÃO: Sidônio de Matos | ASSINATURAS: Ana Carolina G. Severino
carol@folhaespirita.com.br | EXPEDIÇÃO: Arnaldo M. Orso “em memória”, Sílvia do Espírito Santo e Silvana De Oliveira

José Roberto Pereira Santos

é médico com especialização em Medicina Interna, Reumatologia e Medicina Intensiva. Coordenador da Comissão de Bioética da Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil), é também médico coordenador de Rotina da Unidade de Terapia Intensiva do Centro Médico Hospitalar Vila Velha, em Vila Velha (ES), além de diretor da Associação Médico-Espírita do Estado do Espírito Santo.

perspectiva, mas o que o paciente da família”, diz médico da AME-BR



tivas em termos de atenção, movimento e atividade cerebral após um mês de estimulação desse nervo. Ele começou a responder a ordens simples, como seguir um objeto com os olhos e virar a cabeça. Também parecia mais alerta e era capaz de ficar acordado enquanto escutava seu terapeuta ler um livro. Segundo a conclusão do estudo, o paciente saiu da condição de EVP para um Estado de Consciência Mínima (ECM), cujo prognóstico para recuperação da consciência é melhor. Nesse estado, o indivíduo é

incapaz de estabelecer uma comunicação eficaz, mas pode verbalizar sons e gesticular, alcançar e agarrar objetos, seguir objetos móveis e localizar sons. Estes pacientes podem recuperar completamente a consciência.

No acompanhamento de um paciente em coma não existem métodos que possam determinar a “consciência interna”, ou seja, o conteúdo. Hoje os instrumentos para analisar o nível de consciência de um paciente em EVP são baseados em avaliações clínicas.

O diagnóstico de inconsciência é baseado na resposta do paciente a estímulos táteis, auditivos e visuais feitos pelo examinador. De fato, o único método que qualquer um de nós pode usar para demonstrar nossa consciência para os outros é através de alguma resposta motora: fala, expressão facial, seguimento do olhar (acompanhar o examinador com os olhos), movimento dos membros e da cabeça.

Há vários casos na literatura de pacientes que acordaram do

seu coma e recuperaram a consciência. O caso de maior duração foi o do americano Terry Wallis, que permaneceu 19 anos em coma e acordou chamando pela mãe e pedindo Pepsi-Cola.

Estudos como esse abrem uma nova perspectiva na Medicina para o tratamento de pacientes em coma. Hoje, sabe-se que o cérebro humano é um órgão com grande poder de plasticidade. A plasticidade cerebral é a capacidade que o cérebro tem de se remodelar, reconstituindo as suas conexões em função dos estímulos externos. O desenvolvimento de novos exames de imagem e das pesquisas científicas mostra que o cérebro é muito mais maleável do que se imaginava, podendo recuperar funções perdidas em grandes lesões do sistema nervoso. Uma função perdida pode ser recuperada por área cerebral vizinha à região lesionada. Contudo, a recuperação de certas funções depende de alguns fatores, como a idade do paciente, a natureza e a extensão da lesão, o tratamento utilizado, os instrumentos usados para estimulação cerebral, assim como de outros, como os fatores ambientais e psicossociais.

Portanto, um jovem que entrou em coma por um trauma encefálico com uma lesão mais localizada tem mais chance de se recuperar do coma e mais rapidamente do que um paciente idoso que sofreu uma isquemia cerebral difusa após uma parada cardiorrespiratória.

Além disso, o conhecimen-

to mostra que o indivíduo que recebe mais estímulos positivos, sejam físicos e/ou emocionais, tem uma evolução mais favorável. Assim, diversos tipos de terapia complementar são importantes nessa recuperação: fisioterapia, psicoterapia, cuidados, entre outros. Mas o mais importante, sem dúvida, é a postura da família. Ela pode oferecer apoio nos cuidados básicos; conforto e carinho; solidariedade; estímulo à comunicação; incentivo e encorajamento para reagir; estímulos que valorizam a vida; e, principalmente, não deixar de amar e acreditar no sentido da vida. Resumindo, os familiares precisam ter fé. Por isso é importante que esse conhecimento seja repassado para a família.

A Doutrina Espírita revela que nada que nos acontece é por acaso. Tudo é explicado pela lei de causa e efeito. O coma, por exemplo, é uma situação que envolve uma provação para o espírito, bem como para as pessoas mais íntimas dele, pois terão de enfrentar toda a situação que envolve os cuidados do paciente, o que, convenhamos, não é tarefa fácil. Fugir da responsabilidade de cuidar de um familiar em coma, buscando na eutanásia a resolução para o sofrimento gerado, significa abandonar uma oportunidade de ajustamento à Justiça Divina. Muitas vezes, o melhor estímulo e o tratamento que o paciente necessita é o amor da família.

BIBLIOTECA

Giovana Campos

Obra traz cartas respondidas mediunicamente por Bezerra de Menezes

Uma ideia singela e desejosa de respostas fez com que estudantes da área da Saúde e pertencentes ao Departamento Acadêmico da Associação Médico-Espírita do Brasil elaborassem, em forma de cartas, suas dúvidas para que fossem respondidas pelo patrono da associação, dr. Adolfo Bezerra de Menezes. Em um trabalho que levou aproximadamente cinco anos, o organizador Marcus Renato Ribeiro, estudante de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, coletou as cartas e, com auxílio de outros acadêmicos, reuniu vídeos que exemplificassem o ideal de um grupo.



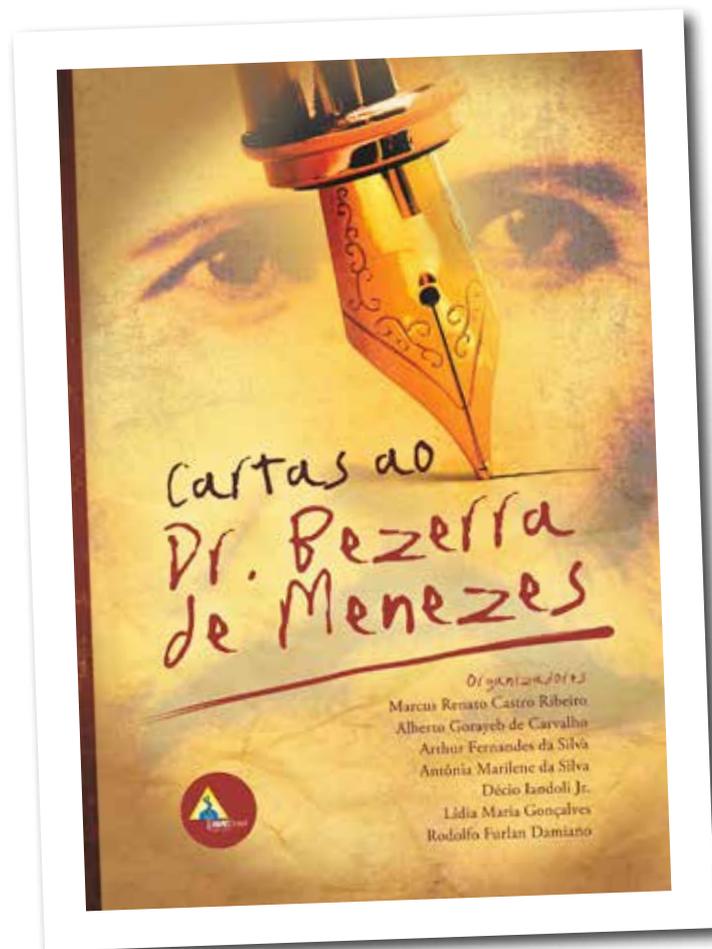
da reunião, os participantes escrevessem cartas ao dr. Bezerra de Menezes. Mais tarde, ampliamos o convite àqueles que não puderam estar presentes, mas que também esposavam os mesmos anseios e angústias do grupo de jovens acadêmicos espíritas membros do Departamento Acadêmico. As cartas foram entregues e passamos a discutir o futuro daquele material, com muitas ideias na cabeça e, com a orientação segura da dra. Marlene Nobre, então presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil, fomos aconselhados a esperar que o próprio dr. Bezerra respondesse às cartas, por intermédio do médium dr. Roberto Lúcio Vieira de Souza, vice-presidente da AME-Brasil. E assim, durante três anos, sem que o médium tivesse qualquer tipo de contato com as cartas, as respostas foram chegando uma a uma, dando forma a essa belíssima obra que nos toca profundamente o coração.

FE – O que foi considerado na elaboração dos textos?

Ribeiro – Nós pedimos aos acadêmicos que, no momento em que fossem escrever, procurassem um lugar tranquilo, fizessem uma prece, imaginassem-se de frente ao dr. Bezerra e colocassem, então, no papel o que gostariam de dizer a ele. Poderia ser um questionamento, um agradecimento ou o que viesse aos seus corações. Tivemos várias cartas e 15

“
Recebemos
inspiração para
enviar cartas ao dr.
Bezerra. Durante
três anos, foram
sendo respondidas,
uma a uma, por
meio do médium,
sem que ele tivesse
contato com elas,
dando forma a
essa belíssima obra

”



respostas. Essas se referem a temas basilares do paradigma médico-espírita e englobam questões sobre ciência, saúde, biologia, prática médica, espiritualidade, pacientes, escolhas profissionais, práticas integrativas e complementares e muito mais.

FE – Todos os capítulos têm ao final um QR code. De que se trata?

Ribeiro – Os QR codes desse livro são uma parte muito especial. No decorrer da construção dessa obra observamos que ela não se tratava somente de um livro destinado aos acadêmicos, mas que tinha se tornado um roteiro para todos aqueles que pretendem abraçar o ideal médico-espírita. Nesse sentido, era impossível não pensar naquela que doou a sua vida para a divulgação e materialização desse ideal

aqui na Terra. Portanto, ao final de cada capítulo o QR code dá acesso a um vídeo da dra. Marlene Nobre, em que ela fala sobre o assunto do capítulo ou outro tema relacionado. É uma forma de manter vivos em nós o amor e o compromisso dela por esse trabalho de Jesus.

FE – O que mais o leitor poderá apreciar nas narrativas contidas nessa obra?

Ribeiro – Além da abertura e sinceridade dos acadêmicos, da sabedoria e capacidade de síntese do dr. Bezerra e do amor e eloquência da dra. Marlene, fazem parte também do livro textos de diversos profissionais das AMEs de todo o Brasil que compartilharam suas experiências pessoais e seu conhecimento a respeito dos temas contidos nas cartas, a fim de enriquecer, ainda mais, a obra.

COMEMORAÇÃO

Irvênia Luiza de Santis Prada

O Espiritismo no Brasil, há 100 anos

Eu me interessei pelo contexto em que o Espiritismo se desenvolveu, aqui em nosso país, nas primeiras décadas do século XX, porque foi nessa época, mais precisamente em 1917, que meu avô paterno, Caetano de Santis, e seus amigos fundaram o Grupo Espírita Luz e Caridade, em minha terra natal, Itobi (SP).

Vamos ao final do século XIX:

1853 (quatro anos antes do surgimento do Espiritismo na Europa) – Segundo Zêus Wantuil¹, nesse ano o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, o *Diário de Pernambuco* e o *Cearense* já divulgavam matéria sobre as “mesas girantes”, curioso divertimento de salão nos Estados Unidos e Europa.

1865 (oito anos após o surgimento, em 1857, do Espiritismo na Europa) – A figura de destaque é Luís Olympio Teles de Menezes, jornalista, que funda o primeiro centro espírita do Brasil, o Grupo Familiar de Espiritismo, em Salvador, Bahia. Em 17 de setembro desse ano realiza a primeira sessão espírita no Brasil. Às 20h30 registra-se a primeira página psicografada, assinada por “Anjo Brasil”.

1869 – Em julho desse ano, para melhor defender e propagar o Espiritismo, duramente atacado pelo clero e imprensa de Salvador, Luís Olympio Teles de Menezes publica *O Écho D’Além-Tumulo — Monitor do Espiritismo no Brasil*, considerado o primeiro jornal espírita do Brasil². Em 1969 é lançado um selo comemorativo do Centenário da Imprensa Espírita no Brasil, em homenagem ao seu fundador – jornalista Luís Olympio Teles de Menezes³.

1873 – Funda-se, no Rio de Janeiro, a Sociedade de Estudos



Família de Santis, fundadora do Grupo Espírita Luz e Caridade, em 1919

Espíritas – Grupo Confúcio, com o objetivo de traduzir as obras de Allan Kardec e divulgar a homeopatia. O dr. Joaquim Carlos Travassos faz parte desse grupo e traduz *O Livro dos Espíritos* para o português, oferecendo um exemplar a seu colega também médico, o dr. Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900) que, embora lendo-o pela primeira vez, não encontra nele nada que fosse estranho ao seu espírito. A missão do dr. Bezerra é relatada pelo espírito Humberto de Campos em *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*⁴.

1876 – Extingue-se o Grupo Confúcio em virtude de encontrar-se o Movimento Espírita em fase de dissidências. Uns defendiam o estudo do Evangelho, outros diziam-se roustainguitas e ainda alguns exaltavam o aspecto científico da Doutrina. Nesse momento firma-se a tarefa de Bezerra de Menezes para a unificação do Movimento Espírita no sentido de serem

criadas condições para fazer do Brasil a Pátria do Evangelho.

1883 – Em 21 de janeiro é criado o periódico *O Reformador*, por iniciativa e às expensas do sr. Augusto Elias da Silva, fotógrafo português radicado no Brasil. Para tentar unir as forças dispersas, o sr. Elias recebeu confrades em sua casa e fundou, em 1º de janeiro de 1884, a Federação Espírita Brasileira (FEB), tendo como presidente o sr. Ewerton Quadros e adotando *O Reformador* (“órgão evolucionista”) como seu veículo oficial de divulgação.

1889 – Acontece a Proclamação da República e o dr. Bezerra torna-se presidente da FEB.

1890 – O Código Penal da República, em seu Art. 157, estabelece: “É crime praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios... Pena: prisão celular de 1 a 6 meses e multa de 100\$000 a 500\$000.” Em 1895 o dr. Bezerra reassume a presidência da FEB até sua desencarnação, em 1900, e con-

tinua a trabalhar intensamente contra as imposições proibitivas do Código Penal.

1904 – Circulam no País 19 periódicos espíritas. Em Minas Gerais destaca-se a figura notável de Eurípedes Barsanulfo (1880-1918). Em Matão – SP, Cairbar Schutel (1868-1938) funda o Centro Espírita e o jornal *O Clarim* (1905) e depois a *Revista Internacional de Espiritismo* (1925), que persistem até hoje.

1915 – Surge a Federação Espírita do Estado da Bahia.

1916 – Em Minas Gerais, a médium Zilda Gama psicografa as famosas mensagens assinadas pelo espírito Victor Hugo.

1926 – Em Minas Gerais, a médium Yvonne do Amaral Pereira começa a receber, através da sua mediunidade, mensagens de espíritos de suicidas.

1927 – Primeira sessão espírita na residência dos Xavier, em Pedro Leopoldo – MG, que daria origem ao Centro Espírita Luiz Gonzaga, presidido por José

Cândido Xavier, irmão do médium Francisco Cândido Xavier.

Em 1917, quando o meu avô Caetano de Santis e seus amigos fundaram o Grupo Espírita Luz e Caridade, o Movimento Espírita no Brasil já se mostrava promissor, o que em absoluto não o isentava das imensas dificuldades pelas quais passava e das perseguições que sofria.

Ao se tornar espírita, meu avô doou a imagem de uma santa, que tinha em casa, para a igreja. Diziam, então, na cidade, segundo relatos da família, que ele já não era mais tão rico porque havia desprezado a santa. Em represália, as pessoas levantavam-se a tempo de jogar, nas portas da sua loja, os dejetos dos pinicos! Ser espírita naquela época não era nada fácil...

Para comemorar os 100 anos do Grupo Espírita Luz e Caridade, fundado por meu avô e seus amigos, será realizada, de 15 a 21 de outubro, a 1ª Jornada Espírita de Itobi. Com muito orgulho, farei a palestra de abertura, na condição de “decana” dos espíritas da família de Santis. Será uma calorosa reunião fraterna de corações amigos!

Todos declaramos nossa eterna gratidão ao ideal e trabalho dos pioneiros na implantação do Espiritismo em nossa pequena Itobi.

Que Jesus nos abençoe a todos!

¹ WANTUIL, Z. *As Mesas Girantes e o Espiritismo*. Rio de Janeiro, FEB, 1957.

² BARBOSA, P. F. *Espiritismo Básico*. 3 ed., Rio de Janeiro, FEB, 1987.

³ LARA, Eugênio – *História Ilustrada do Espiritismo no Brasil*. CPDoc – Centro de Pesquisa e Documentação Espírita. Santos, fevereiro de 2002.

⁴ XAVIER, F. C. *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. 11 ed., Rio de Janeiro, FEB, 1977.

ALERTA

Giovana Campos

Suicídio: é importante saber agir

Na segunda quinzena de setembro, o Ministério da Saúde divulgou o primeiro boletim epidemiológico de tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e revelou que os serviços de assistência psicossocial têm papel fundamental na prevenção do suicídio. O boletim apontou que nos locais onde existem Centros de Apoio Psicossocial (CAPS) o risco de suicídio é reduzido em até 14%.

O diagnóstico inédito vai orientar a expansão e qualificação da assistência em saúde mental no País. O Ministério da Saúde, com base nos dados do boletim, lança uma agenda estratégica para atingir meta da Organização Mundial da Saúde (OMS) de redução de 10% dos óbitos por suicídio até 2020. Entre as ações, destacam-se a capacitação de profissionais, orientação para a população e jornalistas, a expansão da rede de assistência em saúde mental nas áreas de maior risco e o monitoramento anual dos casos no País e a criação de um Plano Nacional de Prevenção do Suicídio.

A psiquiatra Norma Alves de Oliveira, da Associação Médico-Espírita de Sergipe, traz mais informações sobre como identificar e agir corretamente para prevenir o suicídio.

Folha Espírita – Há uma estatística sobre as possíveis razões para o suicídio? Há variações quanto à faixa etária, gênero ou escolaridade?

Norma Alves de Oliveira – Sim. Os dados estatísticos aterroadores levaram o suicídio a ser considerado como uma epidemia pela Organização Mundial da Saúde. Um milhão



de suicídios anualmente, um a cada 40 segundos, tentativas de 10 a 20 vezes mais do que a mortalidade (uma tentativa a cada 3 segundos). O suicídio está entre as dez primeiras causas de morte no mundo e as três primeiras na faixa etária dos 15 aos 34 anos. É a terceira causa de mortalidade em jovens, tem também um alto índice em idosos e cresce sua prevalência em crianças. Homens atentam mais contra a própria vida do que as mulheres. Alguns estudos mostram uma proporção de 2 a 4 homens para cada mulher. Com relação à escolaridade, está vinculado à cultura. Em países como o Japão, o suicídio entre estudantes é muito elevado devido ao nível de exigência da cultura japonesa, que considera uma desonra familiar quando o aluno não tem bom desempenho escolar. São escassas as pesquisas que avaliam a influência da escola-

ridade no risco de suicídio.

FE – De que forma os transtornos mentais facilitam ou estimulam a prática do suicídio?

Norma – Essa questão é muito relevante, pois um estudo da OMS constatou que 97% dos suicidas tinham transtornos mentais, como depressão, drogadição, esquizofrenia, distúrbios de conduta, transtornos de personalidade, destacando-se os transtornos de humor. Esses transtornos, devido às limitações que geram, a depender da gravidade, resultam, além da depressão, em sentimentos de desesperança, desespero e desamparo. Alguns transtornos resultam em suicídio pela impulsividade, como os transtornos *borderline* de personalidade. Outros pela falta de emoção na vida, como os transtornos de personalidade antissocial, pela angústia e desesperança que se instala após as crises, como o transtorno afetivo bipolar e as esquizofrenias. Vários fatores associados aos transtornos psiquiátricos, como doenças orgânicas crônicas, genéticas, gestacionais, desestruturação familiar, envelhecimento sem suporte social, extremos econômicos, residentes urbanos, desempregados, aposentados, deturpação religiosa e valores culturais, dentre outros, podem ser determinantes para as tentativas e consumação do suicídio.

FE – Há alguma forma eficaz de prevenção?

Norma – Existem tratamentos baseados em evidências para a prevenção



de atos suicidas, embora haja controvérsias entre os pesquisadores. Em pacientes com transtornos psiquiátricos que têm acesso a diagnósticos e tratamentos adequados, aderindo aos tratamentos específicos correlacionados aos transtornos diagnosticados, o suicídio pode ser evitado. Poucos estudos empíricos foram conduzidos para constatar se o suicídio é um comportamento evitável. As conclusões são baseadas em experiências clínicas dos pesquisadores. Vários estudos prospectivos e retrospectivos concluem que indivíduos com transtornos psiquiátricos que são tratados suicidam-se menos que os portadores de transtornos que não são tratados.

As farmacoterapias apresentam resultados promissores em pacientes com transtorno de humor tratados com lítio e pacientes com esquizofrenia tratados com clozapina. Acompanhamento intensivo e gerenciamento de casos nos quais o paciente é submetido à psicoterapia, intervenção de crise, terapia de família e farmacoterapia de acordo com a avaliação clínica estão relacionados a menores taxas de suicídio. Pacientes que tentaram o suicídio e receberam chamadas para acompanhamento de um psiquiatra após um mês tentam menos suicídio. Adolescentes que receberam terapia de grupo tinham menor probabilidade, se comparados aos que receberam

para prevenir



são significativamente mais efetivas que as hospitalizações na redução de tentativas de suicídio.

FE – Todo suicídio tem algum componente espiritual envolvido?

Norma – Não podemos afirmar que todo suicídio tenha componente espiritual, não obstante, se considerarmos que os transtornos mentais preponderam na alta prevalência do suicídio, pois estudos mostram uma taxa de 97% da presença de transtornos mentais naqueles que cometeram atos suicidas, e os transtornos mentais por sua vez, em sua maioria, são associados a perturbações espirituais, a maioria dos suicídios tem influência espiritual. No entanto, pesquisas são necessárias para uma fundamentação científica. A experiência clínica nos mostrar que em muitos casos o suicídio está associado a obsessões espirituais, mediunidade não colocada a serviço do Evangelho,

vazio existencial e desconhecimento a respeito da vida além da morte.

FE – Na prevenção, é possível assegurar que o paciente não irá tentar outras vezes?

Norma – Não, pois depende dos fatores envolvidos. Há casos em que o paciente tem uma compulsão para o ato suicida, e as estratégias de prevenção e “posvenção” nem sempre conseguem impedir a consumação do suicídio, não obstante os resultados mostrarem diminuição considerável nos casos em que há intervenção médica e psicológica adequadas com bom suporte familiar e social.

O CVV traz cartilha informativa acessível à população em linguagem clara e objetiva sobre como atuar e auxiliar na prevenção. Disponível em <https://www.cvv.org.br/wp-content/uploads/2017/09/folheto-popula-o.pdf>

tratamento usual, de se engajarem em comportamentos autoagressivos intencionais. Estudos indicam que as terapias multissistêmicas

Como identificar sinais de que um parente necessita de ajuda?

Observar se nas atitudes e discursos evidenciam-se sinais de desesperança, depressão, desespero e desamparo, ambivalência e impulsividade, rigidez e constrição. Com crianças e adolescentes, deve-se estar atento a distúrbios de conduta que possam indicar a atuação de impulsos autoagressivos:

- Atenção ao comportamento no brincar e conteúdos manifestos ao se expressarem, como, por exemplo, em desenhos
- Acidentes domésticos
- Automobilísticos
- Envolvimento constante em brigas
- Problemas com a Polícia e Justiça recorrentes

Nos idosos com idade superior a 65 anos, precisamos ter atenção a:

- Presença de depressão e outras doenças crônicas
- Prejuízos na funcionalidade
- Transtornos de personalidade
- Falta de suporte social
- Perda de relacionamentos interpessoais importantes, como a morte de um dos cônjuges ou filhos, etc.

Nas pessoas em geral que tentaram suicídio, importante considerar:

- Comunicação prévia de que iria se matar
- Mensagem ou carta de adeus
- Providências finais (ex: conta bancária)
- Planejamento detalhado
- Precauções para que o ato não seja descoberto
- Ausência de pessoas por perto que possam socorrer
- Não procurar ajuda logo após a tentativa
- Escolha de métodos violentos
- Afirmação clara de que quer morrer
- Crença de que o ato seria irreversível e letal
- Arrependimento por ter sobrevivido

Lançamento

16x23cm
224 páginas
Edison Carneiro



Nesta biografia, Francisco e Clara expõem o amor que precisamos sentir e praticar com relação a Deus e às criaturas.

Suas lições não fluem das palavras, mas depreendem-se dos seus atos, de sua vivência do Evangelho de Jesus, exemplificando em suas vidas o verdadeiro amor, caritativo e humilde.

Conquanto suas vidas tenham se desenrolado há oito séculos, o cenário social dominado pela ambição, ganância, e ignorância, guarda semelhança com os tumultuados dias do início do século 21.

Hoje, como naquele tempo recuado, se afirma a necessidade da Santa Pobreza, ou seja, a pobreza do espírito a significar humildade, e a pobreza material a significar desprendimento, para o exercício do amor, caminho luminoso para a conquista da liberdade interior, erradicando de nossas almas o orgulho agressivo e o egoísmo possessivo.

Tel.: 2105-2600 | www.editoraalianca.com.br | distribuidora@editoraalianca.com.br



Sandra Marinho
é palestrante do Grupo Espírita Cairbar Schutel e
apresentadora do programa Portal de Luz

Plantemos a paz em nós

Creio que todos nós almejamos a paz interior. Mas como conseguir essa paz? Como chegar àquele estado de espírito em que o ser não se abala com nada que lhe venha do exterior?

Não estou me referindo à alienação. Porque o alienado não está em paz. É apenas um indivíduo inconsciente e egoísta, pois, na verdade, ignora o que se passa à sua volta para não se macular com os problemas advindos da realidade.

Quem consegue a verdadeira paz interior, ao contrário, é consciente de tudo. A diferença é que sabe lidar com as adversidades e com os vícios da humanidade, a começar pelos próprios. Não foge dos problemas, enfrenta-os. Não ignora, olha de frente. Deixa passar o que não se aproveita e elimina do coração tudo que o oprime.

Sabemos que não é simples e nem tão comum encontrarmos pessoas que já usufruam dessa tão almejada paz interior.

O autor do livro *À Sombra do Olmeiro*, um espírito que se apresenta simplesmente como “Um Jardineiro”, traz uma singela lição, na qual seu mestre compara o coração humano a um jardim.

Conta que “rishi”, o mestre, perguntou-lhe certa vez:

– Já é primavera e onde estão as flores do seu jardim?

E o jardineiro respondeu:

– Eu plantei, mas as larvas devoraram as sementes, uma por uma.

Então, o mestre retrucou, dizendo:

– Pois você não sabe que as larvas nascem do descui-



do? *Os jardins são como os corações, necessitam de cuidados constantes... Se não forem regados com as águas do amor, se não os adubarmos com a seiva da virtude, não terão vigor para brotar e serão infestados pelas larvas da cupidez, da ganância e da corrupção, tudo pela nossa imprevidência.*

O jardineiro argumentou que a terra o havia enganado, pois, antes, ele nunca adubava e ela sempre dava flores na primavera. O mestre, então, alertou o rapaz de que, do mesmo modo, não devemos nos deixar levar pelas aparências. A terra não o enganara. Era preciso que a revolvesse.

Mas o jovem jardineiro,

ainda insistindo na sua justificativa, falou que o forte calor havia lhe tirado o ânimo de trabalhar a terra. E o mestre finalizou, dizendo:

– O mesmo acontece aos corações... Como podemos censurar-lhes os erros e falhas se não soubermos dizer “não” ao que acreditávamos justo e razoável, embora “não” fosse certo e correto? Como colher gerânios na primavera se não soubemos bem cultivar na época do plantio? Se permitimos que as larvas, em sua voracidade e ignorância, destruíssem as sementes da vida em nosso jardim?

Com certeza existem práticas de meditação, como, por exemplo, yoga, que nos aju-

dam a encontrar um ponto de equilíbrio e obter momentos em que nos situamos numa zona de paz interior.

Mas o resultado obtido dessas práticas pouco nos ajudará se no nosso cotidiano não cuidarmos da semente em nosso coração, mantendo constante vigilância para não deixar que a ganância, a inveja, a cupidez e o rancor se instalem, tirando-nos a razão e dilapidando a nossa paz interior.

Convém avaliar se não vivemos de forma a escancarar as portas de nosso coração e deixar entrar tais invasores, enganados pelos falsos e efêmeros valores do mundo.

Pensemos nisso.

“

No nosso cotidiano, devemos manter constante vigilância para não deixar que a ganância, a inveja, a cupidez e o rancor se instalem, tirando-nos a razão e dilapidando a nossa paz interior

”

PAPO CABEÇA



Walther Graciano Júnior
é pedagogo

Cachimbo de água

Cem vezes mais potente que o cigarro, o narguilé vira moda entre os jovens brasileiros e deixa os órgãos de saúde em alerta.

Narguilé é um cachimbo de água utilizado para fumar. Além desse nome, de origem árabe, também é chamado de hookah (na Índia e outros países que falam inglês), shisha ou goza (nos países do Norte da África), narguilê, narguila, nakla, arguile, narguilé.

Quando se aspira o ar pelo tubo, reduz-se a pressão no interior da base. Isso faz com que o ar, aquecido pelo carvão, passe pelo tabaco, produzindo a fumaça. Ela desce pelo corpo até a base, onde é resfriada e filtrada pela água, que retém partículas sólidas. A fumaça segue pelo tubo até ser aspirada pelo usuário.

Com aromas variados, como pêssego, maçã-verde, coco, flores e mel, a imagem é de algo inofensivo e a curiosidade atrai os jovens para o consumo.

Pela semelhança a lanchonetes e bares, o mercado das tabacarias cresceu espantosamente e encontra-se perto de universidades e escolas.

Grupos de amigos divertem-se espremidos em bancos enquanto fazem argolas no ar ao soltar a densa fumaça aspirada dos narguilés, que passam de boca em boca.

A Organização Mundial de Saúde alerta que a fumaça do narguilé contém inúmeras toxinas que podem causar câncer de pulmão, doenças cardíacas, entre outras. E que, em uma sessão de narguilé, que pode durar de 20 minutos a uma hora, a quantidade de fumaça inalada corresponde à mesma inalada ao se fumar 100 cigarros comuns.

Segundo a coordenadora de fiscalização da Lei Antifumo da Vigilância Sanitária no Estado de São Paulo, Elaine D'Amico, a "Lei Antifumo está em vigor desde 2009, mas as tabacarias entraram no nosso cronograma de fiscalização recentemente porque percebemos um grande crescimento desse nicho".

Em entrevista à BBC Brasil, a cardiologista coordenadora do Programa de Tratamento ao Tabagismo do Incor – Instituto do Coração do Hospital das Clínicas, Jaqueline Scholz, diz que o narguilé tem um alto



teor de nicotina. "Ele é uma porta de entrada para o cigarro ou cigarro eletrônico. É uma forma antiga de fumar a que a indústria do tabaco recorreu para que não tivesse essa imagem tão danosa", disse.

Para Scholz, o governo também deveria proibir o uso de aromatizantes nas essências. "O sabor torna esse uso mais agradável e atrai mais gente. Você é atraído pelo cheiro, pela cor. Fora que existem leis e proibição de uso para menores de idade que, pelo jeito, não estão sendo cum-

pridas. Já vi até pais dando narguilé para os filhos. Precisamos é acabar com esse mito de que o narguilé é seguro." Para ela, o produto "é vendido hoje com o mesmo glamour que o cigarro no passado. Só depois descobriram o que é".

Do ponto de vista espiritual, o efeito destruidor das drogas é tão intenso que ultrapassa os limites do organismo físico da criatura humana, alcançando e comprometendo, substancialmente, o equilíbrio e a própria saúde do seu corpo perispiri-

tual. Segundo Emmanuel, "o viciado, ao alimentar o vício dessas entidades que a ele se apegam, para usufruir das mesmas inalações inebriantes, através de um processo de simbiose em níveis vibratórios, coleta em seu prejuízo as impregnações fluidicas malélicas daquelas, deixando o viciado enfermo, triste, grosseiro, infeliz, preso à vontade de entidades inferiores, sem o domínio da consciência dos seus verdadeiros desejos".

Vamos refletir!



**Sociedade Brasileira de
Terapia de Vida Passada**

Curso de formação de terapeutas para médicos e psicólogos em São Paulo-SP, Belo Horizonte-MG, Rio de Janeiro-RJ, Santos-SP, Bauru-SP, Jundiaí-SP e Vale do Paraíba-SP.

Turmas em formação ao longo de todo ano com no mínimo de 5 alunos nas cidades sede.

Inscrições e informações: sbtvp@sbtvp.com.br
www.sbtvp.com.br

Rádio Boa Nova **TV Mundo Maior**

"A maior caridade que podemos fazer pela Doutrina Espírita é a sua própria divulgação".
Emmanuel

feal
Fundação Espírita André Luiz




www.radioboanova.com.br www.tvmundomaior.com.br

Mundo Maior Editora e Distribuidora
Fundação Espírita André Luiz
Mundo Maior Filmes
UNIESPÍRITO
Clube Amigos da Boa Nova
mundo maior.com.br
MERCALIVROS

CANTINHO DO EVANGELIZADOR

Dia da Criança

Outubro é o mês das crianças. A literatura espírita está repleta de pérolas que evidenciam a importância dos pequenos aprendizes do Evangelho, mas a afirmação de Jesus sobre o Reino dos Céus ser para aqueles que se assemelham a elas já nos diz muita coisa.

“Então lhe apresentaram uns meninos para que os tocasse; mas os discípulos ameaçavam os que lho apresentavam. O que, vendo Jesus, levou-o muito a mal, e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, e não os embarceis, porque o Reino de Deus é daqueles que se lhes assemelham. Em verdade vos digo que todo aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele. E abraçando-os, e pondo as mãos sobre eles, os abençoava. (Marcos, X: 13-16).”

A pureza e a inocência estão presentes nessa primeira



fase da vida humana, portanto, precisamos nutrir o coração infantil com bondade, esperança, amor e fé em Deus.

Meimei, no poema A Criança, psicografia de Chico Xavier, demonstra todo o cuidado com o aprendizado nessa primeira

fase de espírito encarnado.

Por meio dele, registramos, aqui, nossa singela homenagem. (WGI)

“A pureza e a inocência estão presentes nessa primeira fase da vida humana, portanto, precisamos nutrir o coração com bondade, esperança, amor e fé em Deus

A Criança

Meimei

A criança é o dia de amanhã, solicitando-nos concurso fraternal. Planta nascente – é a árvore do futuro, que produzirá segundo o nosso auxílio à sementeira.

Livro em branco – exhibirá, depois, aquilo que lhe gravarmos nas páginas agora.

Luz iniciante – brilhará no porvir, conforme o combustível que lhe ofertarmos ao coração.

Barco frágil – realizará a travessia do oceano encapelado da Terra, de acordo com as instalações de resistência com que lhe enriquecermos a edificação.

Na alma da criança reside a essência da paz ou da guerra, da felicidade ou do infortúnio para os dias que virão.

Conduzirmos, pois, o espírito infantil para a grande compreensão com Jesus é consagrarmos nossa vida à experiência mais sublime do mundo – o serviço da Humanidade na pessoa dos nossos semelhantes, a caminho da redenção sempre.

ESPIRITISMO NA WEB

ESPIRITISMO.NET

www.espiritismo.net

A Administração do Espiritismo.net, antigo IRC-Espiritismo, foi o resultado da preocupação do grupo que desejava que o meio virtual pudesse servir de real ponto de difusão espírita, criando regras e passos para o seu crescimento. Em março de 1997, na cidade do Rio de Janeiro, coincidindo com o Primeiro IRContro do Canal #Espiritismo, surgiu a Administração do IRC-Espiritismo, grupo que se tornaria responsável por manter e ordenar as atividades virtuais do IRC-Espiritismo desde então.

Acesse e divulgue!



HOMENAGEM

Aos professores

“Minha convicção e meu objetivo eram um só. Na verdade, eu pretendia provar, com minha experiência, que as vantagens da educação familiar devem ser reproduzidas pela educação pública e que a segunda só tem valor para a humanidade se imitar a primeira. Aos meus olhos, ensino escolar que não abranja todo o Espírito, como exige a educação do homem, e que não seja construído sobre a totalidade viva das relações familiares, conduz apenas a um método artificial de encolhimento de nossa espécie. (...)

O homem quer o Bem com

tanto gosto, a criança tem tanto prazer em abrir os ouvidos para o Bem! Mas ela não o quer por ti, professor, ela não o quer por ti, educador, ela o quer por si mesma. O Bem, para o qual deves conduzi-la, não deve ter nenhuma relação com os teus caprichos e com as tuas paixões. É preciso que a natureza da coisa seja boa em si e pareça boa aos olhos da criança. Ela precisa sentir a necessidade da tua vontade, conforme sua situação e suas carências, antes que ela queira a mesma coisa. (...)

Mas toda essa vontade não é produzida por palavras, e sim

pelos cuidados que cercam a criança e pelos sentimentos e forças gerados por esses cuidados. As palavras não produzem a coisa em si, mas apenas o seu significado, a sua consciência.”

(Trecho da “Carta de Stans”, na qual Pestalozzi descreve o trabalho pedagógico realizado com crianças vítimas da guerra, no orfanato de Stans, Suíça, em 1799.)

Com as palavras do grande educador Johann Heinrich Pestalozzi, que idealizou a possibilidade de libertar o povo por meio da educação, nossa homenagem aos professores pelo seu dia.

MÚSICA

Professor Amigo
LETRA E MÚSICA DE ANNA GIORGETTI GRACIANO

CASA DE REPOUSO ALLAN KARDEC - ITAPIRA - SP



Uma vida boa
para quem já viveu
muitas vidas.

Uma casa de repouso voltada para oferecer uma vida boa, com conforto, atenção e carinho, em regime de longa permanência, a quem já viveu muitas vidas.

Saiba mais: visite
www.casaderepousoallankardec.com.br
Itapira - SP - Fone: 19 3863.1577



ARTIGO



W.A. Cuin

é administrador de empresas, escritor e pres. da Associação Beneficente Irmão Mariano Dias, em Votuporanga (SP)

Muito mais que doar

“... Na prática legítima do Evangelho não nos cabe apenas gastar o que temos, mas também dar o que somos.” (Emmanuel, no livro *Fonte Viva*, item 53, psicografia de Francisco C. Xavier)

Incontestavelmente, tem muito valor e são altamente benéficas as doações materiais que fazemos em favor daqueles que seguem pela vida com necessidades maiores do que as nossas. No entanto, essa é uma demonstração muito pequena de virtude de qualquer um de nós que almeja verdadeiramente ser um cristão, pois é mais fácil dar alguma coisa do que doar-se.

É muito importante cobrir o corpo de uma criança legada ao abandono ou à pobreza. No entanto, precisamos, mediante o nosso esforço, desenvolver programas de ações que possam oferecer-lhe caminhos de esperança, objetivando conduzi-la a um futuro melhor.

É bom que nos interessemos em ouvir as lamúrias de um chefe de família desempregado, socorrendo-o com alguns donativos, mas nunca olvidemos a necessidade de trabalhar para a criação de novos empregos ou, pelo menos, caminhar com ele à procura de trabalho.

Será sempre oportuno lançar olhares de piedade ao mendigo da rua, mas em circunstância alguma

podemos esquecer a nossa obrigação de dar exemplos de dignidade, moral e nobreza, visando evitar que outras criaturas caiam na sarjeta.

Tem imenso valor o prato de comida dado à porta ao irmão que bate, pedindo alimento, mas imperioso se torna que desenvolvamos mecanismos capazes de criar possibilidades para que ele ganhe, com o seu suor, o sustento de que tem carência.

Vale muito destinarmos contribuições materiais para aqueles que carregam o ideal de erguer casas assistenciais, visando amparar os desvalidos, mas estaríamos mais próximos do Cristo se nos juntássemos a eles na tarefa de ajudar a fazer os serviços.

Doar remédios aos doentes do corpo é atitude elogiável, mas precisamos fazer mais, trabalhando para que os doentes morais saiam da dependência dos tóxicos e outras mazelas, retornando à vida plena.

Discursar em tribunas públicas para exaltar o bem a ser feito, deve ser a tônica de todos nós, mas logo em seguida precisamos descer delas para ajudar aqueles que caminham servindo ao próximo, pois quem só fala joga palavras ao vento.

Elaborar planos e projetos de atividades em favor dos necessi-



tados é ação benfeitora, no entanto, depois de traçadas as metas, temos o dever de ser os primeiros a chegar ao serviço, visando pôr em prática as ideias planejadas.

Identificar os graves problemas que assolam e atormentam a sociedade é tomar consciência dos pontos críticos que promovem dor e sofrimento às criaturas, porém, imediatamente depois de constatados tais redutos de estrangulamento social, indispensável que nos lancemos à luta, buscando contribuir para a correção e ajustamento do mecanismo comunitário.

Agindo assim, estaremos muito mais do que doando bens e materiais para nos doarmos também, oferecendo a nossa gota de suor, a nossa cota de sacrifício e empenho pessoal, em favor do próximo, objetivando a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e humana.

Reflitamos.

“

Identificar os graves problemas que assolam e atormentam a sociedade é tomar consciência dos pontos críticos que promovem dor e sofrimento às criaturas

”

Folha Espírita
ASSINE

IMPRESSA	MISTA	ON LINE
1 ANO – R\$ 55,00 <input type="checkbox"/>	1 ANO – R\$ 72,00 <input type="checkbox"/>	1 ANO – 45,00 <input type="checkbox"/>
2 ANOS – R\$ 100,00 <input type="checkbox"/>	2 ANOS – R\$ 131,00 <input type="checkbox"/>	2 ANOS – 81,00 <input type="checkbox"/>

FORMA DE PAGAMENTO: Dinheiro Cheque Cartão de crédito

CPF: _____ TELEFONE: _____

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP: _____

E-MAIL: _____

www.folhaespirta.com.br

ARTIGO



Richard Simonetti
é escritor e primeiro vice-presidente do Centro Espírita
Amor e Caridade, em Bauru (SP)

Em contato com sofredores

Em conversa informal, confrades espíritas trocavam ideias sobre reuniões mediúnicas. Um deles, habituado ao trato com espíritos sofredores, ignorantes de sua condição de desencarnados, comentava, bem-humorado:

– Tenho a impressão de estar nessa situação. *Bati as botas* sem dar-me conta de que já não pertencço ao mundo dos vivos. Em minha casa, falo com a esposa e filhas e elas ignoram-me. Até minha sogra, a serviçal doméstica e uma cachorrinha não se sensibilizam com meus reclamos. Como resolver esse dilema?

Ainda na base do humor, alguém ofereceu a solução:

– Ponha-se diante de um espelho. Se observar sua imagem refletida, tudo bem. Se isso não acontecer, comece a orar. Você engrossou o time dos defuntos.

Embora a irreverência de nossos confrades, caro leitor, eles reportam-se a uma situação comum – espíritos que retornam ao mundo espiritual sem a mínima noção do que aconteceu.

Muitos, apegando-se ao lar, acabam irritados e nervosos, porque ninguém lhes dá atenção. Não percebem sua invisibilidade ao olhar humano.

Não raro, perturbam membros da família com suas vibrações indignadas. Aqueles que possuem maior afinidade com o falecido colhem suas vibrações desajustadas e podem até sentir sintomas relacionados com o tipo de enfermidade que o vitimou.

Estamos diante do que poderíamos denominar *obsessão*

pacífica, porquanto não há intencionalidade.

Essa situação do espírito não oferece grandes dificuldades ao dialogador, quando se manifesta em reuniões mediúnicas, porquanto ele não pretende fazer mal a ninguém, muito menos aos familiares. Simplesmente está pedindo socorro, às voltas com suas angústias, como o naufrago que se agarra a uma tábua de salvação.

Geralmente procuro fazê-lo sentir que está num hos-

Ao retornar à espiritualidade, todas as suas ideias, impressões e aspirações estão voltadas para a vida física, incapazes sequer de reconhecer que estão na dimensão espiritual. Diante deles, é André Luiz quem reitera: 'Não fale da morte ao espírito que a desconhece, clareando-lhe a estrada com paciência para que ele descubra a realidade por si próprio'



pital em tratamento, onde usamos o recurso da oração em favor dos pacientes. Quando ele aceita a orientação, os resultados se fazem sentir de imediato, dando-lhe condições para ser atendido pelos mentores espirituais.

Um detalhe importante para o qual peço a atenção de leitores que dialogam com espíritos: em entrevista à revista *O Reformador*, em novembro de 2011, Arnaldo Rocha, que trabalhou largo tempo com Chico Xavier, em reuniões mediúnicas, em Pedro Leopoldo, informou que, ao habilitar-se para essa tarefa, recebeu de Emmanuel a seguinte orientação:

– *Nunca discuta com o espírito nem lhe revele que desencarnou.*

Principalmente quando lidamos com espíritos rebeldes e agressivos, a primeira providência, sem dúvida, é ganhar a sua simpatia, sem o que será

impossível modificar suas disposições.

Por outro lado, para ter ideia dos prejuízos causados ao espírito que não percebeu sua nova condição, imagine, caro leitor, qual seria sua reação, se eu lhe informasse, categórico:

– Meu amigo, talvez ainda não tenha percebido, mas você morreu! Escafedeu-se!

Nas obras de André Luiz há inúmeros relatos quanto ao cuidado que devemos ter nesse particular.

No livro *Os Mensageiros*, reporta-se a jovem recém-desencarnada que, em pleno necrotério, apegava-se aos despojos carnisais.

O noivo muito amado, desencarnado, veio ampará-la, solícito, mas ela ficou em estado de choque, apavorada, como quem contempla um fantasma.

Após aconselhar o noivo a afastar-se, Aniceto, o mentor

espiritual que acompanhava André Luiz, explicou que a ausência de preparação religiosa gera situações dessa natureza.

É exatamente isso que acontece com grande parcela dos desencarnados, que, geralmente, ainda que professassem uma religião quando encarnados, viviam em função do imediatismo terrestre, na base do *comer, dormir, vestir, trabalhar, procriar, divertir-se...*

Ao retornar à espiritualidade, todas as suas ideias, impressões e aspirações estão voltadas para a vida física, incapazes sequer de reconhecer que estão na dimensão espiritual.

Diante deles, é André Luiz quem reitera, no livro *Instruções Psicofônicas* (transmitidas oralmente por Chico Xavier):

Não fale da morte ao espírito que a desconhece, clareando-lhe a estrada com paciência para que ele descubra a realidade por si próprio.

ATUALIDADE

Giovana Campos

Mas, afinal... o que é felicidade?

A felicidade pode ser definida como a predominância da frequência de ocorrência de experiências emocionais positivas sobre as negativas. A qualidade de vida é subdividida em duas dimensões: bem-estar objetivo, que engloba as circunstâncias práticas da vida, como renda, educação, saúde, lazer, entre outros, e bem-estar subjetivo, explicitado pelas experiências subjetivas da vida. Essa subjetividade reside na avaliação que as pessoas fazem de suas vidas, considerando fatores como satisfação, estado de espírito e afeto positivo.

Há alguns anos, um país localizado no sul da Ásia, o Butão, criou uma visão alternativa para medir as riquezas de um país. Em vez de somente medir as riquezas materiais, desde a década de 1970, passou a medir também a felicidade, o bem-estar da população e o desenvolvimento sustentável. Criou então o índice Felicidade Interna Bruta (FIB), pois o Produto Interno Bruto (PIB) não dava mais conta desses conceitos. A conta é simples: quando um país vende seus recursos naturais, por exemplo, o resultado final é tido como crescimento, mas os danos ambientais e sociais podem ser irreversíveis.

O cálculo da FIB inclui o padrão de vida econômica, educação de qualidade, saúde, expectativa de vida e longevidade comunitária, proteção ambiental, acesso à cultura, bons critérios de governança, gerenciamento equilibrado e bem-estar psicológico. Então, se levarmos todos esses itens em consideração, será que conseguimos



mensurar nossa felicidade? O psiquiatra Leonardo Machado, mestre e doutorando em Neuropsiquiatria e membro da AME -Pernambuco, falou conosco sobre o tema.

Folha Espírita – Qual é o conceito de felicidade que os pacientes buscam quando chegam a um consultório ou a um hospital?

Leonardo Machado – Grande parte das vezes, os pacientes nos procuram com a ideia de que curar uma doença ou abafar alguns sintomas, sobretudo de ordem psiquiátrica, como é o meu caso, já gerará automaticamente um bem-estar. E isso não é verdadeiro. Uma ausência de doença ou de sintomas não equivale a uma presença de emoções positivas. Isso é o que estudos modernos das neurociências e da psicologia positiva têm mostrado.

FE – Sabemos que a falta de felicidade leva à depressão, em alguns casos. É possível tratar a pessoa sem focar a doença, tentando aumentar o seu bem-estar?

Machado – É isso que as pesquisas têm demonstrado. Existe hoje um grande campo de evidências com metanálises, pelo menos duas com intervenções da psicologia positiva, mostrando que é possível aumentar o bem-estar subjetivo e, ao mesmo tempo, focar esse aumento de bem-estar, o que ajuda a diminuir os sintomas depressivos e ansiosos. Outra metanálise enfoca se seria possível aumentar o bem-estar psicológico e mostra um resultado eficaz. Além de você diminuir sintomas, algo necessário para o alívio mais rápido da dor e da angústia, importante, também, é pensar em estimular emoções

positivas. Isso tem um efeito tamponador das emoções negativas e também tem efeito na prevenção de recaídas, algo que um residente até me falou: “Doutor, é interessante este tipo de estudo porque mesmo que a pessoa adoça ela vai ter recursos para o impacto do adoecimento psíquico ser menor.”

FE – Sendo a felicidade algo subjetivo, como estabelecer um conceito científico?

Machado – O que percebemos na construção científica é um caminho diferente do que os filósofos fizeram. A proposta dos filósofos, sobretudo os helenistas, era de que tornaria a vida feliz. Então, os cínicos diziam que era preciso não ter desejo, não ter nada e também não ter desejo por nada. Isso porque o desejo ou a posse já geraria infelicidade. E esse tipo de proposta é muito válido e certamente prescreve onde se encontra a felicidade para grande parte das pessoas. Mas talvez isso não seja suficiente para outras pessoas, já que é um construto subjetivo. Assim, em vez de estudar o que tornaria ou o que seria a felicidade do ponto de vista hegemônico, ele vai estudar as pessoas que se dizem felizes. Por isso que um conceito fundamental, construído na psicologia positiva, é chamado bem-estar subjetivo. Ou seja, para aquela pessoa, o que torna a vida feliz? A partir disso, da percepção dela, você vê as consequências.

FE – Como buscar a felicidade espiritual?

Machado – Do ponto de vista espiritual, devemos fazer um link com a Doutrina. Em *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec

questiona se seria possível conseguir algum tipo de felicidade na Terra, e os benfeitores nos dizem que sim, que essa felicidade comum seria baseada na posse do necessário, na consciência tranquila e na fé no futuro. Então, esses são os elementos básicos e em comum, pois independem de religião, crença ou mesmo no caso de a pessoa ter ou não religião.

“
Em *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec questiona se seria possível conseguir algum tipo de felicidade na Terra, e os benfeitores nos dizem que sim, que essa felicidade comum seria baseada na posse do necessário, na consciência tranquila e na fé no futuro

”